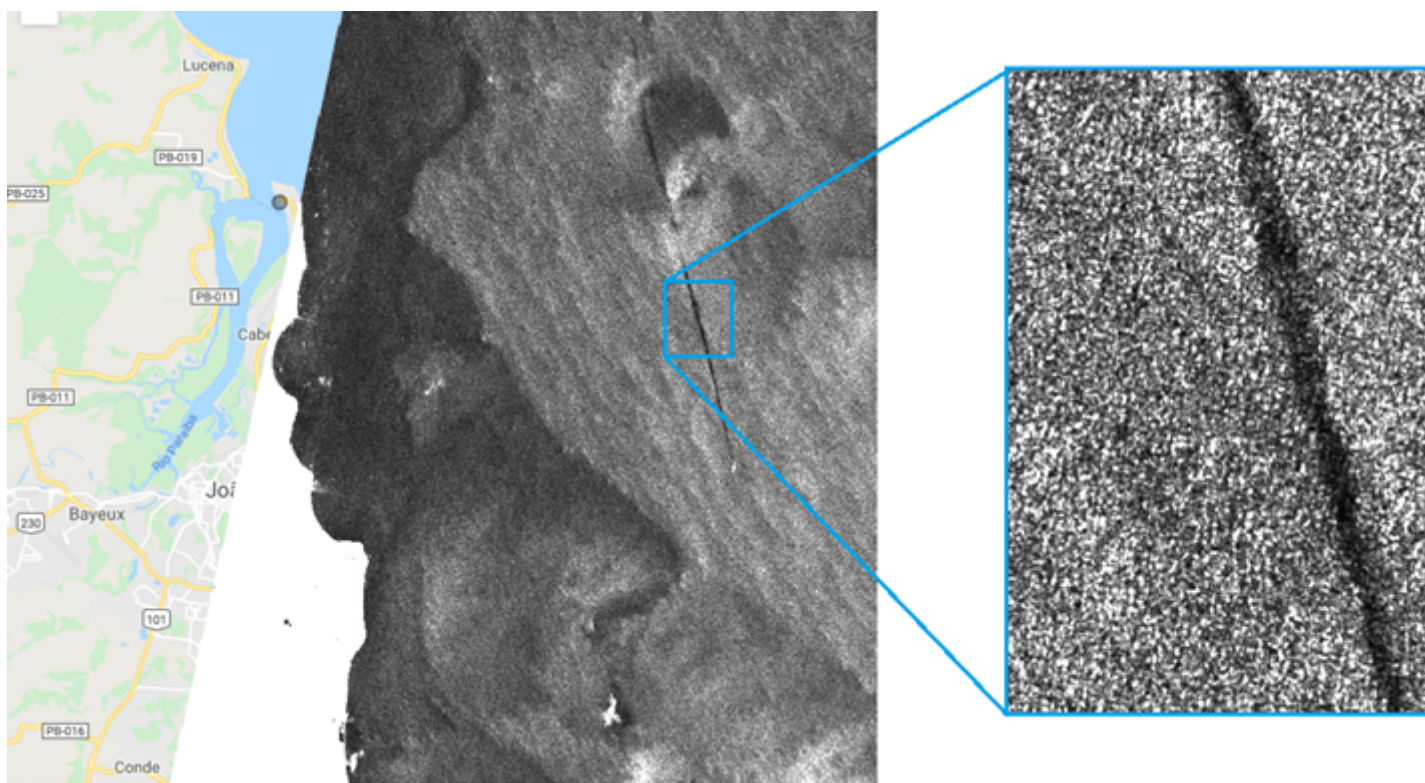


Novas pistas podem esclarecer definitivamente origem do óleo no Nordeste

Por Letras Ambientais
domingo, 17 de novembro de 2019



Satélite Sentinel-1A registra mancha de óleo próximo ao Litoral da Paraíba. Fonte: Lapis.

Novas evidências podem **esclarecer, de uma vez por todas, a origem do óleo no Litoral do Nordeste**. Uma terceira imagem de satélite, encontrada no dia 15 de novembro, pelo Laboratório de Análise e Processamento de Imagens de Satélites ([Lapis](#)), foi crucial para se chegar a um navio suspeito de derramar óleo no Litoral do Nordeste.

A imagem acima, do Sentinel-1A, do dia 19 de julho de 2019, mostra **mais uma mancha de óleo, de grande proporção**, na costa leste do Nordeste brasileiro, a 26 km do Litoral da Paraíba.

O satélite capturou uma grande **mancha de óleo no mar, com cerca de 25 km de extensão** e 400 metros de largura. A mancha pode ser bem maior, pois parte dela talvez não tenha sido registrada pela faixa de cobertura do satélite.

O Lapis já havia identificado, a partir de três satélites (Sentinel-1A, Aqua-Modis e NOAA-20 Viirs) uma **grande mancha de óleo na costa norte do Nordeste**, a 40 km de São Miguel do Gostoso (RN). Entenda tudo sobre a investigação, acessando [neste post](#).

Somente aquela imagem foi suficiente para o Laboratório concluir que os **cinco navios gregos suspeitos**, inclusive o Bouboulina, não cometeram o desastre ambiental no Nordeste brasileiro. Leia a análise completa [neste post](#).



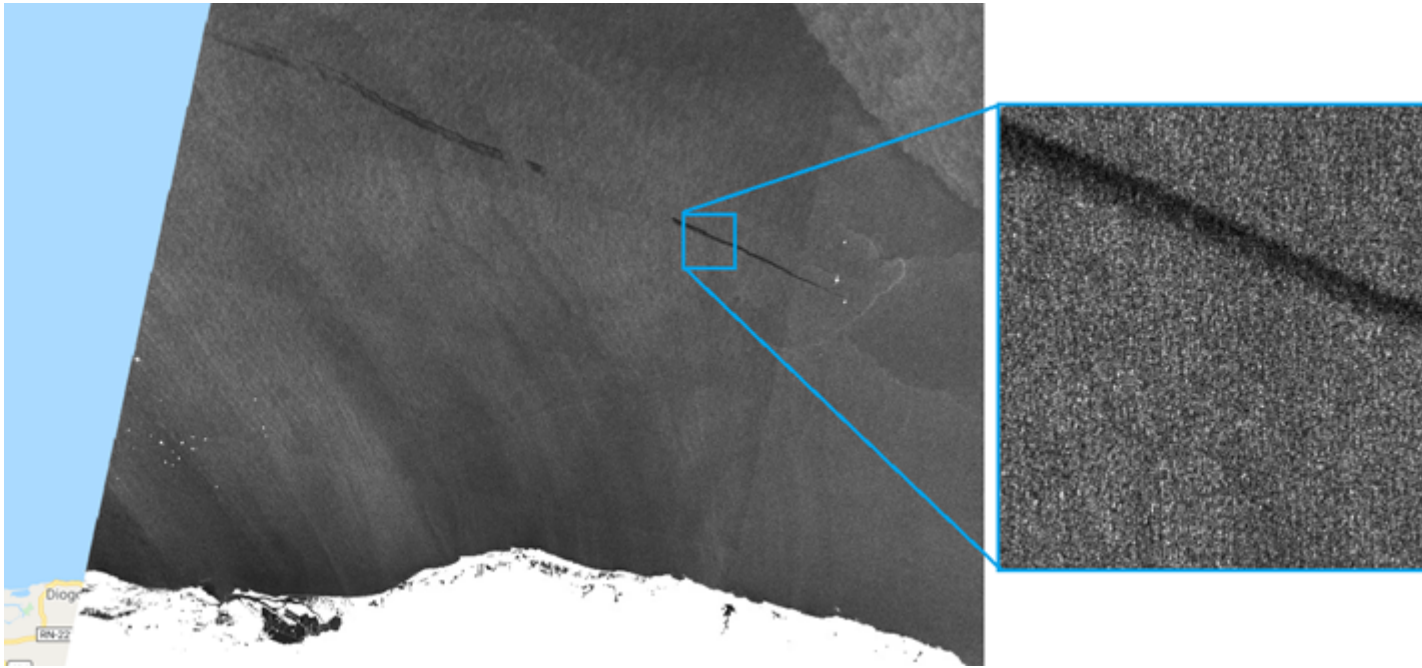
Navio Bouboulina passou pela mancha somente dois dias depois. Fonte: MT.

Uma reportagem do Estadão, do último dia 13 de novembro, mostrou que a **organização norte-americana Skytruth**, especializada em análises do mar, questiona as imagens de satélites divulgadas pela Marinha e Polícia Federal.

>> **Leia também:** [Por que os 5 navios gregos não poluíram o Litoral do Nordeste?](#)

A análise daquela organização, que reúne empresas como Google e Oceana, confirma as hipóteses do Lapis. Na avaliação dos especialistas americanos, a imagem da Hex Tecnologia Geoespacial, que apoiou as autoridades brasileiras, **não indica óleo, e o navio grego Bouboulina não originou o derramamento**.

Com o avanço nas investigações, a nova mancha, localizada pelo Lapis, desta vez, no Litoral da Paraíba, levou à **identificação da provável embarcação que derramou óleo** no Litoral do Nordeste.



Satélite detecta mancha de óleo no Litoral norte do Nordeste, dia 24 de julho. Fonte: Lapis.

Com base em dados de geointeligência marinha, cruzados com informações de satélites, o Lapis concluiu ter havido **comportamento atípico, no percurso do navio**, pela costa norte do Nordeste brasileiro, no período anterior a 28 de julho.

A bandeira da embarcação suspeita não é grega. Todos os seus dados serão repassados, pelo Lapis, ao Senado Federal, no próximo dia 21 de novembro. Na ocasião, haverá uma audiência pública da **Comissão Externa que acompanha as investigações sobre a poluição por óleo** no Litoral do Nordeste.

A partir das imagens de satélites localizadas, nos dias 19 e 24 de julho, **rastreamos todos os navios-tanque que transportaram óleo cru nessas datas**, pela costa leste e pela costa norte do Nordeste brasileiro. No total, 111 navios navegaram por ali com esse tipo de carga.

De todas as embarcações analisadas, concluiu-se que apenas uma delas apresentou evidências de que **algum incidente pode ter ocorrido durante seu trajeto**, podendo ser a provável fonte do óleo que polui o Litoral brasileiro.

Descartada hipótese de que Voyager I derramou óleo no Litoral brasileiro



Rota suspeita do navio Voyager I foi corrigida pela Marine Traffic.

Em Audiência Pública, na Câmara dos Deputados, no dia 21 de novembro, **o Lapis indicou, pela primeira vez, um navio suspeito de derramar óleo no Litoral do Nordeste.** A embarcação apresentada como suspeita foi a Voyager I, cuja bandeira é das Ilhas Marshall.

O navio costumava fazer o trajeto da Índia até a Venezuela, pela África do Sul, com o transponder devidamente ligado, ou seja, o aparelho que indica sua localização durante todo o percurso.

O Lapis havia apresentado na Audiência, com base nos dados da organização internacional Marine Traffic, que no trajeto do dia 06 de julho a 13 de agosto, **o itinerário do navio pelos oceanos foi bastante controverso.**

Todavia, no último dia 28 de novembro de 2019, a empresa Marine Traffic, responsável pelas informações utilizadas pelo Lapis, corrigiu uma confusão em seus dados sobre o percurso do Voyager I. A empresa corrigiu em seu sistema os dados sobre a trajetória do navio e **reconheceu que, de fato, ele estava na Índia durante o período.**

O rastreamento da viagem mostrava que o navio suspeito **não transmitiu, de forma regular e sem interrupções**, informações de sua faixa de *Automatic Identification System* (AIS, um sistema de monitoramento de embarcações usado internacionalmente).

As embarcações que não transmitem consistentemente seu sinal de rastreamento público **violam o direito marítimo internacional**.

Em nota, a Sanibel Shiptrade Ltd, proprietária do navio-tanque Voyager I, **contestou a associação entre a embarcação e o surgimento de óleo** na costa brasileira.

A companhia informou **possuir evidências independentes de que o navio esteve no Terminal de Petróleo Vadinar**, em Gujarat, na Índia, entre 20 de junho e 21 de agosto de 2019. Segundo a empresa, imagens de satélites, documentação do porto e declarações de agentes locais confirmam a localização da embarcação no período.

A Marine Traffic havia registrado que **o navio partiu da Índia, no dia 06 de julho**. O próximo ponto registrado era na costa norte da América do Sul, na altura das Bahamas, no dia 28 de julho. O trajeto mostrado pelo Lapis está apresentado na imagem acima.

No oceano Atlântico, **o itinerário do navio parecia incomum**. Ele não parou em nenhum porto, continuou sem identificação regular e fez uma estranha manobra, que indicava uma mudança de trajetória.

A partir das Bahamas, **o navio dava uma grande volta**, aproximava-se do nordeste dos Estados Unidos, na altura da Pensilvânia, em 31 de julho. No retorno, foi identificada sua localização na costa africana, tendo passado por Serra Leoa, no dia 09 de agosto. Após essa mudança, o último registro da embarcação foi no retorno ao seu porto de origem, na Índia, em 13 de agosto.

Em nenhum momento, o navio atracou em algum porto na área marítima que navegava. Suas poucas paradas registradas, em alto mar, mostravam um **comportamento anormal**.

Esses dados da possível trajetória do **Voyager I foram desconsiderados pela pesquisa do Lapis**, em função de a Marine Traffic ter confirmado que houve uma confusão nos dados.

O percurso mostrava **alteração na direção do navio**, indicando um comportamento suspeito ou um grande problema mecânico. Porém, com o aprofundamento das investigações, a hipótese foi descartada.

O Lapis questionou a Marine Traffic sobre a autenticidade dos dados disponibilizados sobre a trajetória do Voyager I. Em nota, **a empresa admitiu que as posições do**

navio, marcadas na costa oeste da Índia, são as corretas. As posições que mostravam a embarcação no mar caribenho estavam incorretas e foram removidas pela Marine Traffic. Veja abaixo as imagens que a empresa enviou ao Lapis.



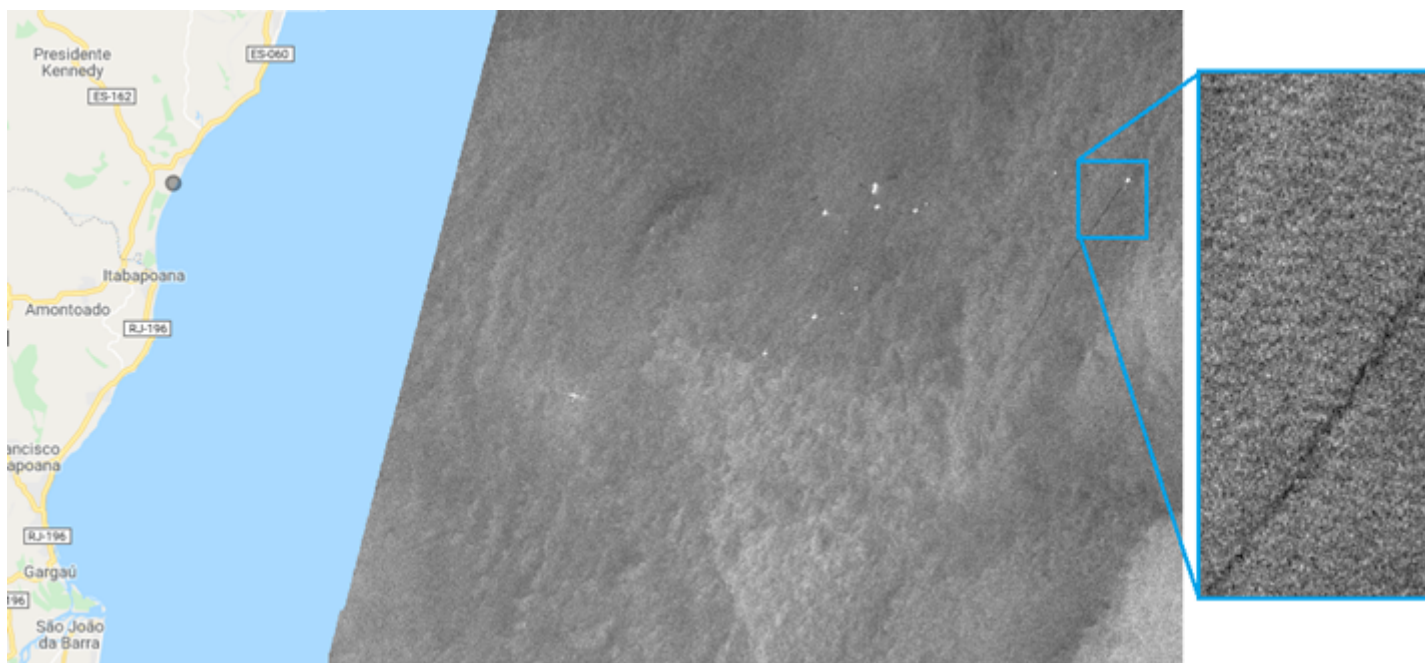
Marine Traffic admitiu ter havido um erro nos dados sobre navio Voyager I.



Voyager I estava na Índia, no dia 24 de julho, admite Marine Traffic.

Com essas novas informações fornecidas pela Marine Traffic, está **descartada a hipótese** de que o navio Voyager I derramou óleo no Litoral brasileiro.

Entenda a investigação que levou ao primeiro navio suspeito



Satélite registra manchas de óleo em outros pontos do Litoral brasileiro. Fonte: Lapis.

De acordo com o pesquisador Humberto Barbosa, responsável pelo Lapis, já foram definidos protocolos importantes durante o **processo de investigação das manchas de óleo** no Litoral do Nordeste.

Na primeira etapa da pesquisa, o Laboratório analisou **imagens de satélites disponíveis** que cobriram desde o norte do Maranhão até o sul da Bahia, em busca de manchas de óleo.

Essa primeira fase permitiu a identificação da imagem do Sentinel-1A, do dia 24 de julho, a 40 km da costa do Rio Grande do Norte. Também **foram encontrados em alto mar, no sul da Bahia, slicks** (manchas de óleo finas com rastros deixados pelos ventos), no dia 27 de setembro.

No início de novembro, após a suspeita do derramamento de óleo ter partido de um navio, **o Lapis fez uma reanálise das imagens retroativas**, de toda a costa norte e leste do Nordeste, no período de julho até outubro.

“Essa segunda varredura das imagens foi feita de forma mais orientada, buscando encontrar **manchas de vazamento de óleo por navios**. Já havíamos definido um padrão, um protocolo, em função da imagem do dia 24 de julho. Foi assim que encontramos uma nova mancha no Litoral da Paraíba, dia 19 de julho, que nos levou a definir uma primeira embarcação suspeita”, ressalta Humberto Barbosa.

Ele destaca que, nas duas imagens do satélite Sentinel-1A, **há sinal de navios próximos da grande mancha** de derramamento de óleo detectada. Essa particularidade do registro contribui muito com as investigações.

O monitoramento do Lapis também permitiu encontrar **outros vazamentos, em pequenas proporções**, em águas brasileiras.

Nesse mesmo padrão das manchas de óleo encontradas no Nordeste, foram identificados **sinais de vazamento de óleo** no Rio de Janeiro (veja imagem acima, do dia 30 de julho).

O pesquisador Humberto Barbosa mostra preocupação com a **vulnerabilidade dos mares brasileiros**, especialmente pelo aumento da exploração e transporte de petróleo naquela região.

Apesar de não ser um monitoramento diário, sistemático, ele destaca que foram encontrados **vários pontos de vazamento de óleo** no Litoral brasileiro.

“Estamos falando de um monitoramento do mar não contínuo, feito a partir de um satélite que cobre essa área apenas em datas e horários específicos. É possível que essa **poluição das águas brasileiras ocorra de forma bem mais frequente**, embora em menor proporção”, completa Barbosa.

O pesquisador destaca a importância de **fortalecer esse monitoramento e a vigilância dos mares brasileiros**, reduzindo essa vulnerabilidade que hoje acarreta em grandes impactos para o ambiente, a economia e a população.

**Post atualizado em: 02.11.2019, às 17h43.*

Acompanhe a cobertura completa:

[Mais um satélite detecta grande vazamento de óleo próximo ao RN](#)

[Por que os 5 navios gregos não poluíram o Litoral do Nordeste?](#)

[Mancha de óleo por navio no Rio Grande do Norte pode não explicar origem do vazamento](#)

[Laboratório detecta imagem de satélite que pode explicar origem do óleo no Nordeste](#)

5 fatos que não te contaram sobre a poluição por óleo no Litoral do Nordeste

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

LETRAS AMBIENTAIS. [Título do artigo]. ISSN 2674-760X. Acessado em: [Data do acesso]. Disponível em: [Link do artigo].

Instituto



Quem somos

O Letras Ambientais é uma instituição privada, sem fins lucrativos. Seu objetivo é a defesa, preservação e conservação do meio ambiente.

Endereço para correspondência: Av. José Sampaio Luz, 1046, Sala 101 – Ponta Verde. Maceió (AL). CEP: 57035-260.

Fone: (82) 3023-3660 **E-mail:** contato@letrasambientais.org.br

ISSN: 2674-760X



